

No emaranhado do Guamá: trajetos etnográficos numa feira de Belém

In the tangle of Guamá: Ethnographic paths in a fair of Belém

Marina Ramos Neves de Castro e Fábio Fonseca de Castro



Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Edição electrónica

URL: <http://pontourbe.revues.org/3404>

DOI: 10.4000/pontourbe.3404

ISSN: 1981-3341

Referência eletrónica

Marina Ramos Neves de Castro e Fábio Fonseca de Castro, « No emaranhado do Guamá: trajetos etnográficos numa feira de Belém », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 Junho 2017, consultado o 04 Julho 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3404> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3404

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Julho 2017.

No emaranhado do Guamá: trajetos etnográficos numa feira de Belém

In the tangle of Guamá: Ethnographic paths in a fair of Belém

Marina Ramos Neves de Castro e Fábio Fonseca de Castro

NOTA DO AUTOR

Uma versão deste artigo foi apresentada, por seus autores, na V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste (Rea-Abanne), realizadas em Maceió, em 2015.

1. Introdução

- 1 Acompanhamos o cotidiano da feira do Guamá, em Belém, durante oito meses. Esse período se dividiu em dois momentos, entre os anos de 2011 e 2012: cinco meses em que a feira funcionou de forma provisória, durante a reforma do seu prédio principal – uma reforma longa e problemática, que se estendia já há dois anos – e três meses posteriores à conclusão dessa obra. Acompanhamos o dia a dia dos feirantes e do seu universo, composto pelos outros tipos humanos que dividiam o espaço: os fornecedores, fregueses, frequentadores cotidianos e os funcionários dos demais comércios da proximidade.
- 2 O artigo procura fazer uma descrição fenomenológica desse espaço. Nossa perspectiva, dialogando com os procedimentos etnográficos, parte de uma exposição compreensiva das espacialidades da feira. Desejamos valorizar a dimensão endógena da experiência espacial dos sujeitos sociais observados, procurando um procedimento fenomenológico por meio do qual possamos reduzir a feira àquilo que ela expressa, enquanto lugar.
- 3 A noção de etnocartografia está inicialmente vinculada à de cartografia cultural, ou à projeção visual, em mapas, de espaços étnicos. Ela foi tratada dessa maneira entre 1920 e 1970 (Bromberger 1984), sendo, desde então, gradativamente compreendida como

método auxiliar da pesquisa de campo antropológica. A partir da influência da etnometodologia, esse método se desenvolveu em trabalhos sobre a projeção intersubjetiva do uso do espaço (Grasseni 2012) e em trabalhos sobre o comportamento espaço-ambiental de populações tradicionais (Almeida 2005). Na abordagem que fazemos, procuramos compreender a etnocartografia por meio de uma perspectiva fenomenológica, como um mapear da experiência própria a partir da experiência do outro e como a disposição em fazer o percurso dos sujeitos observados, deixar-se guiar, no espaço deles, pelos arranjos que fazem nesse espaço ou pelos indicativos espaciais que surgem do contato que com eles estabelecemos.

- 4 Empreender uma etnocartografia, ou uma fenomenologia do lugar significa, em nossa compreensão, um duplo movimento: em primeiramente, indagar como os indivíduos encontram o mundo na sua complexidade espacial e, em seguida, interpretar como esses encontros são usados para dar sentido ao mundo espacial, em seus contextos e representações (Crouch 2014).
- 5 Há duas maneiras opostas de pensar a relação entre a pessoa e o espaço. A primeira delas é uma percepção que podemos identificar como “representacional”, de matiz cartesiana, presente, por exemplo, em Bourdieu (2007), Grosz (1992) e Young (1990), para quem o espaço constitui uma representação do lugar feita pelo indivíduo e mediada pela cultura, pelo poder, pela ideologia etc. O indivíduo representa, a si mesmo e ao corpo social, uma certa ideia de espaço, como se o espaço, mesmo o espaço no qual ele se insere, fosse uma entidade completamente separada dele, desse indivíduo. Sujeito (o indivíduo) e objeto (o espaço), são, nesse caso, entidades distintas, aproximadas por meio de uma operação mental, compreendida como representação.
- 6 A segunda maneira de pensar essa relação é uma percepção “não-representacional”. Ela possui dois referenciais teóricos fundamentais: a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (1994) e a perspectiva interacional de Goffman (1971), aplicadas, por exemplo, por Pile et Thrift (1995), Thrift (1996; 1997) e Csordas (1990; 1993). Essa perspectiva compreende o espaço a partir da interação sensorial, corpórea, que o indivíduo desenvolve, intersubjetivamente, com esse espaço. Sujeito e objeto não estão, aqui, separados. O lugar é tal como é percebido, vivido, usado, pelo indivíduo, sem a ocorrência dessa operação de subjetivação da realidade que é a representação.
- 7 A percepção “não-representacional” da relação entre sujeito e espaço tem inúmeros desdobramentos. Radley (1995), Crossley (1996) e Thrift (1996; 1997), seguindo essas orientações, descrevem a percepção do espaço como uma experiência intersubjetiva e comunicativa. Nielsen (1995) investiga a maneira como a sensação de partilhar um espaço comum lhe confere sentido. Csordas (1993) observa a ação do sujeito, em relação ao espaço, em sua dimensão de agentividade e de expressividade. Crouch (2014) observa como Kristeva (1996) sugere que o indivíduo, localizando-se existencialmente no espaço, tem sua imaginação estimulada e que isso pode produzir diferentes sentimentos e intimidades espaciais.
- 8 Esse duplo referencial, fenomenológico e interacional, tem produzido diversos trabalhos que se abrigam sob o rótulo de “geografia pós-moderna” (Crouch 2014), como por exemplo o de Crang (1996), com sua discussão sobre como os indivíduos apreendem o mundo por meio das decodificações significantes intersubjetivamente disponíveis. Ou os trabalhos de Lash et Urry (1994), que compreendem a reflexividade como um processo mental; de Mac-Naghten et Urry (1998) que dizem que nosso sentido não pode ser interpretado como a presença de uma consciência num mundo; de Game (1991) sobre a

reflexividade das identidades produzidas no encontro entre o corpo e o mundo; de Gregson et Crewe (1997), de Jackson (1999) e de Miller (1998) sobre o processo de mobilização de redes e cadeias intersubjetivas em torno de práticas de uso de determinados espaços e, por fim, como trabalho de Wall (2000), na sua análise de como as referências culturais influenciam na apreensão do espaço.

- 9 Para todos esses autores, o espaço não é prefigurado por representações dos indivíduos, mas vivenciado por eles. Esses trabalhos tendem a utilizar os referenciais fenomenológicos e interacionais de maneira complementar.
- 10 Comungamos com eles nossa perspectiva de pensar a feira enquanto um lugar. Em nossa experiência de campo nos propusemos menos a observar a feira de que a “fazer a feira”, usá-la, consumi-la, varejá-la. Ocupar nossa posição de fregueses, ir e vir, trocar. E assim é que adentramos nela, evitando toda ideia de representação. Procurando “estar” e, estando, compreender os indivíduos na sua interação com o lugar. Pensando uma etnografia que se desenhasse, em primeiro lugar, como cartografia.

2. A feira – uma etnocartografia

- 11 O que chamamos, aqui, de feira, está para além da constituição material desse velho mercado de Belém, o Guamá. Fisicamente, ele ocupa dois prédios e, tal como muitos mercados e feiras de qualquer lugar do mundo, igualmente as ruas próximas. O primeiro prédio, o mais antigo, datado dos anos 1930, é hoje o espaço prioritário de venda da farinha e o segundo, estrutura funcional contemporânea, é usado para a venda dos demais produtos das feiras: o peixe, as carnes, as verduras, as ervas e, também, para os muitos serviços que, na contemporaneidade, se fazem presentes nas feiras: a venda de embalagens de plástico ou isopor, cordas, fitas, fios, grampos, plásticos, canetas, envelopes, guardanapos e papel, e, certamente, a alimentação feita na hora, que nunca falta nos mercados. As ruas próximas são ocupadas por ambulantes: “aquários” montados sobre bicicletas, fazem promoções de “um salgado e um suco”; “tias” vendem bombons e café; camelôs vendem roupas, brinquedos fabricados na China, em Taiwan e no Paraguai, relógios, panelas, pilhas e toda sorte de artefatos, a maioria deles de alumínio ou de plástico – duas matérias-primas que parecem fundamentais a este mundo. Nessas ruas o trânsito caminha lento. Um sinal de três tempos, inoportuno mas referencial, um marcador físico da temporalidade do lugar, atrasa a vida dos que não se dirigem ao mercado e, ao mesmo tempo, agiliza a vida do mercado. O tempo conta, ágil. As pessoas atravessam as ruas num ritmo intenso, partilhado aos pares, aos trios, aos grupos. Há duas escolas, uma delegacia e muitos comércios nas redondezas, mas os dois prédios dominam a cena, na sua perpendicularidade atemporal: como dizíamos, o “mercado da farinha” é mais antigo, e o “mercado novo”, o da carne, é recente. E foi recentemente reformado. Eles estão perpendicularmente opostos entre si, localizados no cruzamento entre as avenidas José Bonifácio Barão de Igarapé-Miry.
- 12 O Guamá é um velho mercado de Belém. Não é o Ver-o-Peso, impávido dos seus séculos de existência e da sua centralidade na vida da cidade. É um mercado de periferia, mas antigo. O burgo do Guamá, bairro popular de Belém, se consolidou em meados do século XIX e ao final desse foi atendido por uma linha de bonde. Destinada a se encerrar em Santa Isabel, espaço de um cemitério dezenoviano já então populoso, a linha se estendeu até um pouco mais à frente e em seu ponto final se formou feira que lá hoje há. Atualmente, o Guamá, com seus 94.610 habitantes (IBGE 2013), é o bairro mais populoso dos 48 que integram a

cidade. Seu nome é uma referência ao rio que o margeia e, com uma história popular e cultural rica – o bairro sedia variados grupos de “pássaros”, os teatros populares de Belém – permanece sendo um dos espaços belemenses com maiores índices de desigualdade social.

- 13 A feira do Guamá se localiza na junção entre a avenida José Bonifácio e a avenida Barão de Igarapé-Miry. Esta, ao cruzar com a primeira, se estreita e toma outro nome: travessa Mucajá – precariamente urbanizada. O maior prédio do cruzamento é o mercado novo, também chamado de mercado de carne e na sua diagonal está o mercado de farinha. Em frente ao primeiro, pela av. José Bonifácio, há várias lojas de material de construção; na sua lateral, pela passagem Mucajá, sucede toda sorte de pequenas vendas: farinha, tucupi, frango abatido na hora e “material de mercearia” – como se conhece os diversos produtos industrializados utilizados para embalar aquilo que é vendido na feira. Atrás do prédio da farinha, há pequenos boxes gradeados, que vendem produtos importados tipo “Paraguai”. A calçada da av. José Bonifácio é também tomada por vários camelôs e vendedores ambulantes, a maioria deles vendedores de roupas usadas. Neste sentido, a feira se estende a mais ou menos cerca de 300 a 400 metros do cruzamento entre as três ruas, nas quatro direções.
- 14 No primeiro momento da pesquisa, e nos dois anos que a antecederam, o mercado sofria, como dissemos, uma intervenção do poder público, uma reforma e “revitalização” – termo usado por esse poder público e ironizado pelos feirantes, incomodados como a demora da obra. Durante todo esse período os feirantes foram, de maneira extremamente precária, dispostos na calçada da av. José Bonifácio e num longo trecho da passagem Mucajá, para isso fechada ao trânsito.
- 15 Na instalação provisória e precária do mercado, os boxes foram montados com madeira e pintados com cores variadas – vermelho, verde, azul e amarelo preponderavam sobre as demais cores, secundárias e terciárias. Cada feirante apropriou-se de sua barraca/boxe de maneira particular, arrumando-a e decorando-a de acordo com sua necessidade e gosto.
- 16 O corredor dos açougueiros, no primeiro momento da pesquisa, estava situado na calçada da av. José Bonifácio, prolongando-se quase até a esquina da passagem Mucajá. Era o espaço de entrada na feira, corredor estreito e pouco iluminado, que mal chegava a um metro e meio de largura. Nele, o cheiro de carne preponderava e havia muitas moscas, pequenos insetos e um vai e vem incessante de pessoas e de animais domésticos sem dono, principalmente cachorros. Geralmente, as pessoas tinham de se colocar de lado para dar passagem às outras e, por vezes, o fluxo humano simplesmente bloqueava, interrompido por atos simples de reabastecimento de mercadoria ou pelo processo de compra de algum freguês. As manhãs de sábado eram particularmente agitadas, considerando ser esse o dia em que a maioria das pessoas costuma fazer suas compras na feira. Nesse espaço concentrado e com pouca circulação de ar, a balbúrdia imperava: as vozes altas e estridentes dos feirantes a oferecer suas mercadorias, o diálogo constante entre os feirantes e deles com os fregueses, os risos, os gracejos, as galhofas e, por fim, os múltiplos sons de rádios, músicas gravadas, do fluxo de automóveis e ônibus naquela esquina engarrafada pelo sinal de três tempos e do apito dos guardas de trânsito tentando disciplinar algo daquele fluxo contínuo e caótico.
- 17 Seguindo esse corredor, cerca de 3 metros antes de alcançarmos a luminosidade ao fundo, havia uma entrada à direita, perpendicular à av. José Bonifácio, já na Passagem Mucajá, ocupando parte da calçada do mercado em reforma. Nesse outro corredor, encontrava-se uma região, por assim dizer, *feminina*, da feira: um espaço no qual as barracas tendiam a

ser comandadas por mulheres: o espaço das verduras, legumes, frutas, ervas e, também, das barracas destinadas à venda de produtos alimentícios já prontos para o consumo. Era um longo e sinuoso corredor menor ainda, em largura, ao corredor da carne. No meio dele, encontrava-se um curioso afunilamento do espaço, o qual aproximava ainda mais as barracas umas das outras. Nesse espaço, entre algumas delas, mal se alcançava um metro de distância, tornando o corredor, já mal iluminado, insalubre e sujo, quase intransponível, devido ao número de pessoas que ali circulavam. Esse corredor iniciava com as verduras e legumes – tomates, cebolas, limões, couve, feijão verde, batata, beterraba, pepino, repolho, cenoura, pimentão, jerimum, chuchu, cheiro verde, salsa, alho, pimentinha, tudo isso vendido por unidade, por peso ou em sacos de plástico, com legumes e verduras misturados em pequenas porções para a preparação do alimento e já contendo o colorau, a pimenta preta e o cominho, triturados na hora e ensacados.

- 18 Na sequência, vinha o corredor das frutas – toda sorte de frutas, das produzidas no estado, como banana, mamão, acerola, melancia, maracujá, tangerina e kiwi – às importadas – como maçã, uva e pera. Também o espaço da venda de mandioca e o espaço destinado à venda de ervas para a feitura de chás e infusões. Ao final desse trajeto, várias barracas destinavam-se à venda de alimentos preparados: espetinhos de churrasco, frango assado, sopas, caldos, peixe frito e o PF, o “prato-feito”.
- 19 Como referimos, era o espaço feminino da feira, pois estimamos que cerca de 80% de feirantes, ao longo dessa área, eram mulheres. Esse espaço também incluía algumas barracas isoladas destinadas ao comércio de outras praticidades. Numa delas, vendiam-se sacos plásticos e utensílios, como pratos e copos descartáveis. Em outra, podíamos encontrar frango resfriado e congelado. Uma terceira fazia o comércio de farinha “ensacada”, ou seja, em pequenas porções, para o consumo imediato (20g, 50g) ou em porções maiores (200g, 300g e 500g). Isso chama atenção, porque a “área da farinha”, onde havia maior variedade do produto e onde ele podia ser encontrado em todas as quantidades, mas não dessa maneira, ficava no outro lado da feira, atravessando a rua, na sua diagonal e, além disso, constituía um espaço de venda tradicionalmente masculino, enquanto, neste, o comércio do produto era feito por mulheres.
- 20 Essas “praticidades” demonstram claramente o espírito sempre presenteísta, sempre vivo, de uma feira: o processo de criação, elaboração e produção de objetos e bens para atender às necessidades dos clientes. E se faz importante destacar que essas “praticidades” estavam localizadas no corredor que nós aqui identificamos como “feminino” e que, em geral, eram mantidas, cuidadas, por mulheres.
- 21 Também era possível perceber como, nesse setor, não se encontrava a mesma prática de galhofa encontrada, por exemplo entre os açougueiros e peixeiros – setores “masculinos” da feira. Isso não quer dizer, evidentemente, menor grau, variedade ou intensidade de comunicação, mas sim, simplesmente, que lá não havia a mesma prática social.
- 22 Ao final do corredor das mulheres alcançava-se o setor destinado à venda de pescados, uma área composta por boxes mais amplos se comparados aos anteriores, localizados no mesmo corredor e acima descritos. Alguns desses espaços se localizavam no corredor coberto improvisado e, outros, já na área posterior, aberta, na passagem Mucajá. Estes últimos eram boxes cobertos e igualmente improvisados, mas estavam colocados fora da estrutura dos corredores cobertos. Os peixeiros eram alegres e brincalhões, tal como os açougueiros, e lá também se encontrava esse espírito de galhofa. Tivemos impressão, na verdade, de que chegavam a ser mais barulhentos que aqueles, numa troca mais intensa. Era um setor composto por homens; no entanto, lá encontramos uma única mulher, muito

simpática e atenciosa, conhecida por todos pelo apelido carinhoso – e, curiosamente, masculino – de Pingo. Entre os açougueiros havia também uma mulher, a Meire, mas que, ao contrário da Pingo, ocupava um papel discreto e secundário, auxiliando o feirante, seu irmão, proprietário do boxe. Pingo, a peixeira, desempenhava um papel de primeiro plano: muito querida por todos e muito participante da galhofa geral, ela impunha respeito e se destacava dentre todos. Aliás, a sua barraca de venda de peixes se situava bem na metade da linha de barracas do setor, dividindo aquelas que se situavam no corredor e as que estavam na passagem Mucajá.

- 23 Na área aberta nos deparávamos com uma espécie de campo livre para todas as vendas e produtos. Ali, uma miscelânea de mercadorias e de vendedores se apresentava; de tudo havia um pouco: farinha, roupas, brinquedos, verduras, frutas, tripas, tucupi, frangos vivos e abatidos na hora, material de higiene, bares, enfim, uma diversidade aparentemente sem fim. Era uma espécie de praça da feira, mas uma praça periférica, sem uma função estrutural mas que servia como uma referência da não especialização: um local ocupado por ambulantes e por vendedores dessa variedade geral de produtos. Também aí estavam as vendas que funcionavam nas casas de família dos comerciantes, em especial as que ficavam atrás dessas barracas de peixe, assim como em frente a essas mesmas barracas.
- 24 Esse espaço formava um corredor, tal como em toda a estrutura improvisada criada ali, mas era um corredor mais amplo. E descoberto, como dissemos, pois se situava bem no centro da passagem Mucajá. De fato, a rua fora totalmente ocupada pela feira. Carros e carroças já não podiam atravessar ali. Mesmo o centro da rua era ocupado por vendedores sem barracas, que colocavam suas mercadorias em cima de mesas improvisadas com restos de madeira ou papelão, ou mesmo no chão, sobre panos, papelões ou jornais. Interessante observar que os vendedores desse espaço da feira pareciam mais introspectivos e pouco simpáticos à nossa aproximação; o *clima* já era diferente dos dois corredores que relatamos acima. Era o espaço da não institucionalização. O espaço da margem, da fronteira.
- 25 Em relação à nossa presença, nesse espaço não institucionalizado, havia uma tensão que não encontramos em outro lugar da feira, como se representássemos uma institucionalidade que eles não compreendiam bem, mas que, em todo caso, sintetizava-se como uma autoridade negativa, em vista do seu trabalho não institucionalizado. Procuramos uma aproximação e pudemos mediá-la com o passar do tempo, mas para vários desses indivíduos nossa presença, enquanto pesquisadores, sempre foi suspeita.
- 26 A partir daí, tomamos outro corredor, em nosso percurso pelo território da feira, retornando ao seu centro, em direção à av. José Bonifácio. Era um corredor paralelo ao dos fruteiros e peixeiros, àquele que tomamos para chegar àquela praça periférica. Apesar de descoberto, não parecia menos insalubre do que o anterior. Uma pequena vala se abria, nele, no seu meio-fio, acumulando alimentos já deteriorados. Estreito, dois transeuntes precisavam se comprimir para poderem passar pelo mesmo caminho. Esse espaço era conhecido por todos como a Merceria.
- 27 Lá ficam, de um lado, as barracas de chouriço, toucinho, bacon e demais carnes defumadas; assim como também produtos de limpeza – sabão, detergentes e desinfetantes – e, do outro lado, produtos de alimentação industrializados, como feijão, arroz, sopas em pacotes, leite em pó, temperos processados, óleos de toda sorte e, ainda, alguns produtos manufaturados, como lâmina de barbear, esmaltes, lixas de unha e cosméticos.

- 28 Ao lado e em frente ao espaço destinado às mercearias, também se encontravam pequenas lojas, pequenos comércios, como bares e alguns matadouros de frango. Todos esses espaços eram realmente pequenos, não permitindo a presença simultânea de mais de dois ou três fregueses. Porém, é interessante observar que, apesar de seu tamanho diminuto, eram espaços construídos em alvenaria e, alguns deles eram revestidos, no piso e até metade das paredes, ao menos, com lajotas, sempre de cor branca. Isso parecia indicar certa preocupação com a higiene, ou, talvez, apenas um discurso sobre higiene – afinal, a vala comum do meio-fio ainda seguia em frente a esses espaços. Interessante destacar que esse espaço não era coberto. A aparência de o ser se deve às janelas das barracas, que se abriam para cima, com o que ajudavam a regular a entrada de luz. Outro fato é que algumas lojas possuíam uma puxada de telha, protegendo assim seus produtos de um pouco de sol ou de chuva.
- 29 Ao final do setor da Merceria, chegávamos à esquina da passagem Mucajá com a av. José Bonifácio. Ali localizava-se o ponto de mototaxis e muitos outros vendedores ambulantes, com a importante presença dos “aquários”, ou seja, as caixas de vidro carregadas em bicicleta ou carrinhos de madeira, nas quais se expunham salgados os mais diversos (pastéis folheados, coxinhas de galinha, rissoles etc.), vendido em “combos”: um salgado com um suco por R\$ 1,00. Uma tentação grande para toda a feira.
- 30 Em seguida, pelo lado direito da av. José Bonifácio, já às portas de um posto de Segurança Pública, havia tabuleiros para a venda de roupas usadas, de jornais e churrasquinhos. Caixas de som em volume elevado anunciando a venda de mídias piratas e bailes de “aparelhagem”.
- 31 Tanto a Merceria como esse trecho da calçada da av. José Bonifácio eram, por excelência, o espaço dos “ficantes” da feira. No linguajar local os “ficantes” eram os indivíduos que vinham à feira, aparentemente, para interagir, ver amigos, beber, conversar, e simplesmente “ficar” no espaço, sem reproduzirem a forma social da compra e da venda. Ali era um espaço de encontro. Por isso, vários espaços vendiam bebidas alcoólicas, principalmente cerveja e cachaça, além de tira-gostos. Na esquina a Merceria transformava-se em barzinho e alguma mesa com cadeiras, principalmente aos sábados, ocupavam a exígua calçada. Crianças acompanhavam os pais, que bebiam, comiam e conversavam. Era possível também observar, nesse espaço, mais que nos outros, a presença de crianças, brincando e interagindo.
- 32 Atravessando a rua, em frente ao prédio da Segurança Pública, ainda na av. José Bonifácio, localizada na calçada, na parte externa do prédio da farinha, localizavam-se os vendedores de camarão e de caranguejo. Como a grande maioria dos feirantes, eles também estavam ocupando um espaço provisório, nesse primeiro momento, aguardando a entrega do prédio em “revitalização”.
- 33 Já na av. Barão de Igarapé-Miry, encontramos o segundo prédio do Mercado do Guamá. Efetivamente, é o prédio que deu origem à feira, o ponto de referência, que data, segundo informação dos próprios feirantes, da década de 1930. Era o prédio mais antigo, e a maioria dos entrevistados sempre fazia referência a ele, pois haviam começado a trabalhar na feira quando somente este prédio definia todo o mercado do Guamá. Não havia saudosismo em suas falas, apenas a referência limitada à época em que começaram a trabalhar no lugar, a maioria nos anos de 1970.
- 34 Na calçada em torno do prédio da farinha também se encontrava a maioria dos marreteiros, os comerciantes informais que vendem toda a sorte de produtos, tais como

roupas novas, eletroeletrônicos, peças para fogão e utensílios domésticos, cosméticos, pilhas e um sem fim de produtos. É importante considerar que parte significativa desses comerciantes constituem, simplesmente, extensões das lojas localizadas na av. Barão de Igarapé-Miry, a ocupar suas calçadas dissimulando seus produtos como se fossem oferecidos pela economia informal.

- 35 No entanto, é forçoso observar que logo no início da av. Barão de Igarapé-Miry, em frente ao prédio da farinha, os vendedores são autônomos e não vinculados às lojas que se pronunciam em seguida do referido prédio.
- 36 Além dos feirantes propriamente ditos e de toda sorte de comerciantes informais, há também, no território, lojas oferecendo os mais variados produtos e serviços, do pequeno comércio de manufaturados aos estabelecimentos maiores, dentre os quais um supermercado, três lojas de material de construção, duas farmácias e nove “confecções”, ou seja, lojas de tecidos e roupas. A feira vai se prolongando ao longo da av. Barão de Igarapé-Miry e, aos poucos, as lojas vão se tornando mais espaçadas e raras. No entanto, observamos que, no final da referida avenida, vamos encontrar outra feira. Ou seja, essa avenida é marcada, em suas extremidades, por duas feiras.

3. Conclusão

- 37 O Guamá é estrondoso. O cruzamento lento de ônibus e veículos se acompanha das carroças e dos cavalos, mas sobretudo dos “carremãos”, carrocetes puxados a braço, levando toda sorte de produtos: ferro velho, açaí, cimento e madeira, quase sempre, mas igualmente terra, barro e tijolos. Há também o ruído dos cães e dos animais à venda, quase sempre presos em paneiros. Muitas aves: galinhas e patos. Alguns periquitos e pássaros de canto. A feira tem a forma do seu ruído: a forma da balbúrdia indefinível na qual se destaca, de vez em quando, um grito estridente anunciando um produto ou serviço, ou, ainda, uma gargalhada, uma provocação ou a expressão de um negócio sendo fechado. Por vezes, os limites da feira nos pareceram ser os limites de onde se *escutava* a feira.
- 38 Pensar sobre isso nos fez pensar em como a feira, enquanto *lugar*, era o lugar de nossa sensação de estar-presente. Não um lugar fora de nós mesmos, mas um lugar que se delimitava por nossa percepção. Essa ideia remete a Hall, para quem
- “O “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas [...]” (Hall 2003: 72).
- 39 Ou seja, pode-se compreender o lugar – um dado lugar – como uma experiência contígua à experiência de ser. Não um jogo eventual: de um ser que percebe o espaço, mas uma experiência intersubjetiva, com uma dimensão temporal e histórica, por meio da qual uma feira, qualquer feira, evoca a forma-feira ancestral, sabida por todos os povos na sua prática de trocar, dar e receber e, também, formas-feira específicas, existentes em experiências comuns e em epocalidades. Giddens, por exemplo, discute a experiência comum do lugar moderno:
- 40 Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela pressa – por uma atividade localizada... a modernidade separa, cada vez mais, espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão “ausentes”, distantes (em termos de

local), de qualquer interação face a face. Nas condições da modernidade..., os locais estão inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastantes distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (Giddens, 1990, p. 18 in Hall, 2003, p. 72)

- 41 Crouch et Matless (1996) descrevem a experiência de estar em um dado lugar como uma negociação entre contextos e espacialidades. Para isso, esses autores elaboram uma distinção entre “contextos” e “espacialidades” percebendo aqueles como “poderosos”, mas não determinantes e, estas, como “geminadas” a um sentido, mas não pré-constituídas. Ou seja: ocupar um espaço é mais do que, fisicamente, estar em um lugar ou representar esse lugar. Esse ocupar de um espaço surge da dialética entre contexto e espacialidade, como ato de mediação entre experiências sensíveis, memória e afetividade.
- 42 Bachelard (1994) e De Certeau (1994) também seguem por esse caminho, ao considerarem que o espaço – compreendido como o espaço usado, percebido, por um indivíduo, pelo primeiro, e como o espaço da vida cotidiana, pelo segundo – nunca constitui uma realidade ontologicamente dada, uma realidade representada e presentificada, mas sim algo desenvolvido por meio de práticas sociais – discursivas, experienciadas, intersubjetivas.
- 43 Se fôssemos desenhar a experiência geográfica da nossa etnografia da feira, poderíamos compor uma pátina: uma superfície indefinida, manchada e superposta, que transmite a sensação de uso – e, por extensão, de antigo, de passado, de gasto. Uma superfície irregular, descontínua, que deixa entrever camadas de experiência, camadas de ter-sido. Os lugares podem ser assim, cheios de termos-estado, repletos de quase-assins.
- 44 Nossas espacialidades se comutam com as espacialidades dos inter-sujeitos com quem dividimos o espaço. O estar, o ocupar-o-espaço, decorre de permanentes reconfigurações de nossas identidades em relação ao mundo – reconfigurações instáveis, repletas de negociação e contestação, mas reconfigurações de um sentido que não se faz sem movimento, sem, justamente, esse reconfigurar.
- 45 A feira da qual falamos é aquela, a do Guamá, e qualquer outra. Por trás da nossa cartografia se esconde o rumor do tipo ideal feira, experiência intersubjetiva à qual, talvez, possamos chamar cultura. Fazer uma etnocartografia é mais do que descrever, é contar, contar o lugar. E começamos a contar o Guamá naquele último dia de pesquisa, quando, caminhando, fomos nos distanciando da feira e, aos poucos, deixando de escutar a sua balbúrdia indefinível. Sim, os limites da feira nos pareciam ser os limites de onde se escutava a feira. E lá onde a balbúrdia se tornava um mero ruído, lá onde a etnocartografia se fazia fronteira, ali começamos a contar o Guamá.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Regina. 2005. “Ethnocartography Applied to Environmental Issues”, in *Anais da XXII International Cartography Conference ICC*. La Coruña, Espanha. pp.1-8.

- BACHELARD, Gaston. 1993. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, Mikhail. 2008. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Universidade de Brasília.
- BOURDIEU, Pierre. 2007. *A Distinção: crítica social do julgamento*, Porto Alegre: Zouk.
- BROMBERGER, Christian. 1984. "Des cartes ethnologiques: pourquoi faire?", in *Terrain, Revue d'Ethnologie de l'Europe*, nº 3, dossier Ethnologie urbaine. pp. 84-87.
- CASTRO, Marina R.N. 2013. *A arte na sua cotidianidade: Uma percepção de arte na feira do Guamá*. Dissertação de Mestrado em Arte, UFPA.
- CERTEAU, Michel de. 1994. *A Invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes.
- CRANG, Philip. 1996. "Environment and planning" in *Society and space*, n. 14. pp. 631-633.
- CROSSLEY, Nick. 1996. *Intersubjectivity. The Fabric of Social Becoming*. London: Sage.
- CROUCH, David. 2014. "Spatialities and the feeling of doing" in *Social & Cultural Geography*, 2:1. pp. 61-75.
- CROUCH, David e MATLESS, David. 1996. Reëguring geography: the parish maps of common ground, *Transactions of the Institute of British Geographers* 2. pp. 236-255.
- CSORDAS, Thomas J. 1990. "Embodiment as a paradigm for anthropology" in *Ethos* 18. pp. 5-47.
- _____. 1993. "Introduction: the body as representation and being-in-the-world" in *Csordas, T.J. (ed.) Embodiment and Experience: The Existential Ground for Culture and the Self*. Cambridge: Studies in Medical Anthropology. pp. 1-26.
- GAME, Ann. 1991. *Undoing Sociology*. Buckingham: Open University Press.
- GOFFMAN, Erving. 1971. *Interactive Ritual: Essays on Face-to-face Behaviour*. London: Allen Lane.
- GRASSENI, Cristina. 2012. "Community mapping as auto-ethno-cartography", in *PINK, Sara, Advances in Visual Methodology*. Londres: Sage. pp. 97-112.
- GREGSON, Nicky. and CREWE, Louise. "The bargain, the knowledge, and the spectacle: making sense of consumption in the space of the car boot sale" in *Environment and Planning D: Society and Space* 15, p. 87-112, 1997.
- GROSZ, Elisabeth. 1992. "Bodies-cities" in *Colomina, B. (ed.) Sexuality and Space*. Princeton, NJ: Architectural Press, p. 243.
- HALL, Stuart. 2003. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora, Rio de Janeiro.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2013. *Censo Demográfico 2013 Sistema IBGE*, disponível em <http://www.sidra.ibge.gov.br/>, acessado em 15 março.
- JACKSON, Peter. 1999. *Commodity culture: the traféc in things*, *Transactions of the Institute of British Geographers New Series* 24, p. 95-108.
- KRISTEVA, Julia. 1996. *The Portable Kristeva*. New York: Columbia University Press.
- LASH, Scott. e URRY, John. 1994. *Economies of Signs and Space*. London: Sage.
- LE GOFF, Jacques. 2006. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- _____. 1992. *O Apogeu da Cidade Medieval*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>, em PDF.
- MACNAGHTEN, Phil. e URRY, John. 1998. *Contested Natures*. London: Sage.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. 1994. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- MILLER, Daniel. 1998. *Material Cultures*. London: UCL Press.
- NIELSEN, Niels Kayser. 1995. The stadium in the city, in BALE, J. (ed.) *The Stadium and the City*. Keele: Keele University Press. pp. 21–44.
- PAPILLAUD, Christian. 2002. *Le don de relation*. Georg Simmel – Marcel Mauss. Paris, L’Harmattan.
- PILE, Steve ; THRIFT, Nigel. 1995. *Mapping the Subject*. London: Routledge.
- RADLEY, Alan. 1995. The elusory body and social constructionist theory, *Body and Society* n.12. pp. 3–23.
- SIMMEL, Georg. 1996. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal in Georg Simmel: sociologia. São Paulo, Ática, org. [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho, 1983.
- THRIFT, Nigel. *Spatial Formations*. London: Sage.
- _____. 1997. The still point: resistance, expressive embodiment and dance, in Keith, M. and Pile, K. (ed.) *Geographies of Resistance*. London: Routledge, p. 124–154.
- WALL, Michel. 2000. The popular and geography: music and racialised identities in Aoterora/New Zealand, in Cook, I., Crouch, D., Naylor, S. and Ryan, J. (eds) *Cultural Turns/Geographical Turns*. Londres: Longman, p. 75– 87.
- YOUNG, Iris M. 1990. “Throwing Like a Girl and Other Essays” in *Feminist Philosophy and Social Theory*. Indiana: Indiana University Press.

RESUMOS

O artigo procura fazer uma descrição fenomenológica da feira do Guamá, situada no bairro de mesmo nome, em Belém-PA. Dialogando com procedimentos etnocartográficos, parte-se de uma exposição compreensiva das espacialidades da feira. Deseja-se valorizar a dimensão endógena da experiência espacial dos sujeitos sociais observados. Empreender uma fenomenologia do lugar significa, em nossa compreensão, um duplo movimento: primeiramente, indagar como os indivíduos encontram o mundo na sua complexidade espacial e, em seguida, interpretar como esses encontros são usados para dar sentido ao mundo espacial. Percebe-se o espaço como uma dimensão vivenciada pelos indivíduos, e não como algo prefigurado por meio de representações. Dessa maneira, a feira que descrevemos corresponde a um espaço na sua dimensão intersubjetiva: não como algo pré-ontologicamente dado, mas sim como uma construção em curso de sentidos.

This seeks a phenomenological description of Guamá’s market, located in a neighborhood of Belém, Brazil. Dialoguing with ethnocartography procedures, we start with a comprehensive exposition of the spatiality of the market. We hope to enhance endogenous dimension of local spatial experience. Undertaking a phenomenology of the place means, in our understanding, a double movement: First, to ask how the social subjects find the world in its spatial complexity and, then, to interpret how these encounters are used to make sense to spatial world. One sees the space as a dimension experienced by individuals, and not as something foreshadowed by representations. Thus, the market we describe corresponds a space in its intersubjective dimension: not as something pre-ontologically given, but rather as an ongoing construction of meaning.

ÍNDICE

Keywords: market, ethnocartography, phenomenology

Palavras-chave: feira, etnocartografia, fenomenologia

AUTORES

MARINA RAMOS NEVES DE CASTRO

Email: mrndecastro@gmail.com

Doutoranda em Antropologia PPGA-UFPA

Mestre em Artes PPGArtes-UFPA

Mestre em Estudos das Sociedades Latino-Americanas pelo Instituto de Altos Estudos sobre a América Latina (Iheal) - Université de La Sorbonne-Nouvelle - Paris 3

FÁBIO FONSECA DE CASTRO

Email: fabio.fonsecadecastro@gmail.com

Pós-doutor em Etnometodologia pela Université de Montreal.

Doutor em Sociologia pela Université René Descarte – Paris 3

Mestre em Antropologia pelo Instituto de Altos Estudos sobre a América Latina (Iheal) -

Université de La Sorbonne-Nouvelle – Paris 3

Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB)